

VISÃO DO CORREIO

Infecções respiratórias desafiam o país

Bater a meta da imunização contra a gripe tem desafiado os gestores da saúde nos últimos anos — e, na maioria dos casos, com desfechos desanimadores do ponto de vista sanitário. Há duas semanas nas ruas, a campanha de 2026 se dá em um cenário aparentemente mais delicado: o de mobilizar uma população ainda contaminada por ideias antivacina e em um momento em que as infecções do tipo fugiram da curva.

Há um aumento de complicações respiratórias durante o inverno — por isso, a concentração de esforços para a vacinação dos brasileiros na estação anterior. As águas de Março, porém, trouxeram um outono com circulação de vírus atípica e preocupante, como têm alertado órgãos ligados à saúde coletiva.

O boletim mais recente da Fiocruz, divulgado na última quinta-feira, indica que a influenza A “ainda apresenta níveis elevados de incidência” no país e que 13 das 27 unidades da Federação seguem com incidência de Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) em níveis de alerta, com sinal de crescimento nas últimas seis semanas. São elas: Acre, Pará, Tocantins, Maranhão, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e Espírito Santo.

O Distrito Federal está em situação menos crítica, mas longe de ser confortável. A Fiocruz classifica o cenário da capital federal como de risco. São 1.445 casos descobertos de SRAG de 4 de janeiro a 4 de abril — o equivalente a 16 por dia. Houve um pico na primeira semana de março, com 208 diagnósticos, e, desde então, os registros vêm diminuindo,

chegando a 60 confirmações entre 29 de março e 4 de abril. Preocupa no caso dessa síndrome o fato de ela ser desencadeada por uma diversidade de vírus — influenza, coronavírus, rinovírus, sincicial respiratório, todos em circulação no momento — e de levar a complicações respiratórias que exigem hospitalização, sobretudo de idosos e bebês.

Não é preciso exigir muito da memória para trazer à tona os efeitos de um aumento da pressão sobre as unidades de saúde em razão de infecções virais. Em 2024, o país enfrentou a pior epidemia de dengue da história — com 6,4 milhões de casos diagnosticados e 5,9 mil mortes —, ainda se recuperando da devastação sanitária causada pela pandemia da covid-19. Em ambos os casos, a escalada de infectados foi acompanhada por escassez de leitos públicos e privados, sobrecarga de trabalho para profissionais de saúde e superlotação em espaços de acolhimento temporário, entre outras gravidades.

Agora, há um arsenal mais completo de fórmulas protetivas — boa parte delas disponíveis gratuitamente pelo SUS — que reduz significativamente o risco de infecções respiratórias evoluírem para quadros críticos. Chega a ser irracional não aderir a um pacto coletivo cujos efeitos aumentam dos anticorpos ao Produto Interno Bruto, passando pela expectativa de vida da população. Já são 1.621 mortes registradas por SRAG desde o início do ano, em um país com expertise em imunização em massa reconhecida internacionalmente. Passou da hora de, internamente, essa competência voltar a ser valorizada.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. aE-mail: sredat.df@dabr.com.br

Neio Lúcio, presente!

O céu de Brasília está mais cinza. Perdemos Neio Lúcio, um dos maiores tecelões de sonhos da nossa capital. Falar de Neio é falar da alma pulsante do Concerto Cabeças, movimento que, em plena ditadura militar, ousou dizer que Brasília não era apenas asfalto, mas palco; que a nossa cidade não era apenas concreto, mas poesia e resistência. Neio Lúcio não foi apenas produtor cultural. Foi arquiteto de encontros. Em um tempo onde o silêncio era imposto, ele amplificou as vozes de uma geração, transformando em realidade nosso desejo por liberdade, a partir da ocupação de espaços públicos. Ele acreditava, assim como nós acreditamos, que a cultura é o que nos humaniza e nós faz pertencer a um lugar. O Concerto Cabeças foi o berço de muito do que Brasília é hoje. Abriu espaço para o rock, o choro, o teatro e as artes plásticas quando tudo ainda era utopia. Neio Lúcio nos ensinou que a cultura deve estar onde o povo está: debaixo das árvores, nas praças, sob o sol do Quadrado. Honrar a memória de Neio Lúcio é não deixar que a história da produção cultural independente de Brasília seja esquecida. É permitir que o exemplo do Cabeças inspire novas políticas públicas de ocupação do DF com arte. É enfrentar o arbítrio com luta e arte; com criatividade, música e poesia. É manter nossas mentes produzindo e pulsando cultura. Brasília te agradece, Neio, por ter nos ensinado a ser mais do que habitantes, por ter nos ensinado a ser cidadãs e cidadãos da cultura. Neio Lúcio, presente! Hoje e sempre.

» **Erika Kokay**

Deputada federal (PT-DF)

Mais é menos

O Brasil é o país que mais tem polícia no mundo. Por aqui, temos polícias Federal, Militar, Civil, Rodoviária, Ferroviária, Penal, Judiciária, Legislativa, Científica, Corpo de Bombeiros, Força Nacional, Polícia das Forças Armadas, Guarda Municipal e Portuária, batalhões especializados etc., fora órgãos de fiscalização com poder de polícia, como os temidos Detran e Receita Federal. Isso nos torna um país extremamente seguro, certo? Errado. No fim do ano passado, o Brasil figurou entre os 10 países mais violentos do mundo e o 130º mais seguro no ranking do Índice Global de Paz 2025. Como se não bastasse a existência de milhares de polícias que tornam nossa existência mais insegura, a sociedade, por seus representantes eleitos, aporta sua parte com “hipernomia”, o excesso de leis contraditórias, desnecessárias e redundantes, originada da legiferação de uma pletera de leis, regulamentos, portarias, normas e sentenças, que dão sua quota de formalismo, chicana e leniência aos nossos milhares de tribunais. Tal qual a polícia, também temos muitos tribunais. Parece que o excesso de leis, o excesso de tribunais e a proliferação de polícias têm pouca relação com insegurança, violência e criminalidade, mas têm tudo a ver. Polícia demais quase sempre acaba em polícia de menos. Justiça demais acaba em justiça de menos. Mais é menos e menos é mais. Se, nas eleições deste ano, pudéssemos escolher, eu não queria “de mais”. Queria “de menos”: menos leis, menos parlamentares, menos burocracia, menos instituições.

» **Ricardo Santoro**

Lago Sul



ANA DUBEUX

anadubeux.correio@gmail.com

O extraordinário e a banalidade

Como poderia ser possível algo extraordinário ser visto como banal? Comungo da impressão de uma amiga de que a nova e já histórica missão à Lua passou como um meteoro silencioso entrecortando um universo de banalidades virtuais. Você também teve a sensação de que aquelas imagens sensacionais da superfície lunar eram tão transitórias como um reels de receita rápida, uma fofoca ou um vídeo de gato? Num hiato de segundos, apenas passamos por isso ou por tantas outras importâncias de um jeito banal.

Sou do tempo em que recortávamos jornais e revistas a fim de guardar fatos importantes, não só para revivê-los na memória, mas para, de alguma forma, transformá-los em perenes. Em tons de sépia e com resquíscios de tinta de jornal guardávamos, numa caixa de afetos, lembranças como testemunhos do tempo vivido. Não se trata de um saudosismo aqui. Acho mesmo que o avanço da tecnologia é extraordinário, tanto quanto assustador, sobretudo pelo alcance desmedido e pelo acesso proporcionado.

Mas há algo de estarecedor nas redes sociais. Os estudos já mostram como elas têm afetado a atenção, emburrecido uma geração, gerado transtornos e dependência, além de ter transformado o jeito como interagimos com o mundo. Em um tribunal da Califórnia, um júri popular estabeleceu um precedente inquietante ao reconhecer a responsabilidade civil de plataformas digitais por danos à saúde mental de usuários. O caso, movido por uma jovem de 20 anos que desenvolveu vício e depressão, expôs com nitidez o que as big techs há muito evitam

admitir: a intencionalidade por trás de mecanismos de design pensados para capturar, reter e explorar a atenção.

Rolando o feed, assistimos à missão Artemis II passar como mais um vulto, um instante que reteve a atenção por poucos minutos. Em algum lugar, vi que a live da Nasa chegou a reunir meio milhão de pessoas assistindo simultaneamente, seis vezes menos que uma transmissão recorde de Casimiro no Brasil. É uma comparação banal, sem critério ou rigor, mas não acredito que esteja muito longe da verdade. Viagem espacial não consegue mesmo rivalizar com futebol. A imprensa fez seu papel, inclusive nas redes, mas o recorde de proximidade com a Lua seguirá menos como um feito notável e mais uma coisinha qualquer, com direito a uma Lua colorida artificialmente pela IA.

De verdades e mentiras, a internet está cheia. Hoje, com algum cuidado, ainda saberemos o que é fake. Mas, e no futuro saberemos resgatar imagens e histórias antigas e conferir a sua veracidade? Será que no futuro alguém irá questionar se de fato ocorreu essa missão histórica? Posso estar exagerando, até porque a verdade encontra um jeito também de se eternizar em outros meios que não seja as nuvens virtuais.

O problema de se criar um mundo paralelo e até agora sem regras e limites é vivermos nele para sempre. Nas redes, passamos boa parte do tempo, interagimos, choramos em público, curtimos de forma protocolar, admiramos personagens, tangenciamos a verdade, cuspiamos opinião sobre tudo, criamos provas contra nós mesmos, julgamos e condenamos como selvagens em praça pública.

CORREIO BRAZILIENSE

*“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegará”*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM	ASSINATURAS*
			SEG a DOM R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em emprebo terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anúncio Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A Press Multimídia
Atendimento pessoal para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br